



Fotos: Divulgação/BNDES

Pensando o amanhã

Especialistas brasileiros e internacionais debatem o futuro do país e o papel que pode ser desempenhado pelos bancos de desenvolvimento para que o Brasil volte a crescer com sustentabilidade. **POR LUCIANO SILVA, COM COLABORAÇÃO DE JOYCE PONTEIRO**

Com objetivo de debater novas propostas para o país, o Centro Brasileiro de Relações Internacionais (Cebri) e o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) se uniram para discutir importantes pautas das agendas econômica e política brasileira para os próximos anos, em dois grandes seminários realizados nos meses de novembro e dezembro, no Rio de Janeiro. A iniciativa, nomeada como Diálogos para o Amanhã, também celebrou os 20 anos do Cebri.

O presidente do BNDES, Dyogo Oliveira, afirmou acreditar que o país tem condições de superar todos os desafios que hoje impedem que ele tenha um crescimento mais robusto: deficiências em infraestrutura, em segurança jurídica, na qualidade regulatória e no desenvolvimento do mercado de capitais – alguns dos temas que dominaram os debates. Para Oliveira, a situação econômica do Brasil hoje é menos frágil

e o novo governo, que assume em janeiro, receberá um país “razoavelmente estabilizado e com grandes desafios na área fiscal”, mas com condições de governabilidade.

Em sua exposição, o presidente falou sobre o papel dos bancos de desenvolvimento na economia e destacou a participação dessas instituições em áreas estratégicas como a infraestrutura e o desenvolvimento tecnológico. “Hoje, o avanço de tecnologias ambientalmente amigáveis é ainda mais relevante do que sempre foi. E nisso o BNDES tem avançado muito, no apoio a energias limpas, como solar e eólica”, frisou ele, que elencou ainda outra ação em que as instituições financeiras de desenvolvimento podem exercer papel relevante, o apoio na estruturação de projetos. “Um dos gargalos do Brasil é a falta de projetos. E um

dos gargalos mais apertados ainda é a qualidade deles. Precisamos melhorar na qualidade e na quantidade”, disse.

Futuro presidente do banco, também presente ao evento, o ex-ministro da Fazenda Joaquim Levy destacou a importância da instituição na pauta do desenvolvimento sustentável. Ele apontou ainda outros temas que considera fundamentais para o futuro do BNDES: a inovação, a infraestrutura e a digitalização de setores do poder público, para aumentar a eficiência dos serviços prestados à população. “O nosso papel, em termos de desenvolvimento, é ajudar nos aspectos mais estruturais, mais fundamentais e, principalmente, junto com os demais órgãos do governo, criar as condições para que as pessoas possam desenvolver suas atividades, crescer e criar empregos, que é a expectativa geral do país”, afirmou.

O economista Stephany Griffith-Jones, da Universidade de Columbia, citou o exemplo do banco KfW, da Alemanha, para defender que até mesmo os países desenvolvidos necessitam desse instrumento para que a economia seja bem-sucedida. Para ele, os bancos de desenvolvimento devem atuar de forma contracíclica nos momentos de crise, investir em infraestrutura, melhorar o sistema financeiro, apoiar a inclusão e financiar bens nacionais e internacionais.

“O financiamento privado não é capaz de lidar com incertezas de forma tão perfeita. Então, é necessário ter Estados empreendedores. Os bancos de desenvolvimento podem fazer a ponte entre público e privado”, disse.

Rogério Studart, economista da Brookings Institution, reforçou esse entendimento e lembrou o papel importantíssimo que o BNDES já desempenha na ampliação da infraestrutura sustentável brasileira. Ele defendeu que o banco é um instrumento fundamental para realizar as transformações que o Brasil necessita e defendeu que a instituição “precisa se articular internacionalmente com outros bancos de desenvolvimento”.

RELAÇÕES INTERNACIONAIS

Os debates promovidos nos encontros, que estão disponíveis na íntegra na internet, no canal do BNDES no Youtube, projetaram as perspectivas do país, a partir de discussões específicas com especialistas de áreas consideradas centrais ao desenvolvimento: indústria, energia, abertura comercial, relações exteriores, inovação, mudanças climáticas, além do papel dos bancos de desenvolvimento na construção do futuro.

Um dos gargalos do Brasil é a falta de projetos. E um dos gargalos mais apertados ainda é a qualidade deles. Precisamos melhorar na qualidade e na quantidade

Dyogo Oliveira, presidente do BNDES

Julio Raimundo, superintendente da Área de Indústria e Serviços do BNDES, ressaltou que outros países como Alemanha e Estados Unidos possuem estratégias mais claras voltadas para o investimento no setor industrial e disse que o Brasil deve seguir o mesmo caminho. “Grande parte do ganho de produtividade que se espera que a economia do país venha ter nos próximos anos precisa vir da indústria”, declarou.

O conceito de Indústria 4.0 foi apresentado por Christoph Bundschere, ministro-chefe adjunto da embaixada da República Federal da Alemanha em Brasília, como a digitalização do processo produtivo e o encontro entre o mundo virtual e o mundo real, com o intuito de aumentar o rendimento das empresas. Ele afirmou que a inovação tecnológica nos setores não tira a necessidade de haver especialistas, mas simplesmente aumenta e agiliza a produtividade. Citando exemplos da Alemanha, Bundschere lembrou a importância do investimento em micro e pequenas empresas. “Dar segurança de investimento para esses empresários é uma das prioridades do governo alemão”, assegurou.

Outro exemplo internacional foi levado ao debate pela conselheira Política da embaixada da China, Bai Jie, que lembrou que em 2019 a relação entre os dois países completará 45 anos. A conselheira ressaltou que desde 2009 a China é o principal parceiro comercial do Brasil e, só em 2016, o intercâmbio comercial foi de US\$ 58,4 bilhões. »



O futuro presidente do BNDES, Joaquim Levy, apontou três temas fundamentais para o futuro do banco: a inovação, a infraestrutura e a digitalização de setores do poder público.

Além disso, o país asiático tornou-se, em 2012, o maior fornecedor de produtos brasileiros importados.

As relações internacionais foram destacadas como uma ferramenta fundamental para o fluxo de conhecimento: Brasil e China são países que possuem experiências relevantes um para o outro, como os novos modelos de capitais e os investimentos em infraestrutura. “É preciso entender que não há escolha, a China é uma potência que chegou para ficar”, afirmou o professor Javier Vadell, representante da Rede Brasileira de Estudos sobre a China (RBChina).

SUSTENTABILIDADE

O tema da sustentabilidade perpassou diferentes mesas e foi debatido sob diferentes aspectos. Vijay Rangarajan, embaixador do Reino Unido, destacou a importância de investimentos em infraestrutura e agricultura sustentáveis e em eficiência energética. Ele apontou esses eixos como os maiores interesses do Reino Unido com o Brasil, um país que tem a capacidade de gerar produtos sustentáveis – sem carbono, carvão e trabalho escravo.

“Estamos trabalhando em Finanças Verdes com o BNDES e com muitos outros parceiros brasileiros, e isso é muito importante. Temos que acrescentar nesses investimentos

verdes mais alguns milhões de libras no Brasil e a boa notícia é que temos condições para isso, pois há investidores interessados”, afirmou o embaixador, que citou a importância da participação de empresas privadas em aplicações sustentáveis. “Alavancar investimento privado em finanças verdes é fundamental em todas as partes do mundo”.

O superintendente de Gestão Pública e Socioambiental do BNDES, Gabriel Visconti, afirmou que a comunidade internacional tem interesse em auxiliar o país a se desenvolver de forma mais sustentável, investindo recursos para esse fim. Contudo, para que o país possa acolher esse investimento é preciso um arranjo de governança novo, em que governo, iniciativa privada e as estruturas políticas estejam afinadas no tema. “É muito comum as pessoas debaterem sobre mudanças climáticas pensando que a Amazônia precisa da ajuda do mundo. Ao contrário, o mundo é que precisa da Amazônia”, destacou.

Ele afirmou que, no ano passado, cerca de 20% dos desembolsos do BNDES foram para economia verde e o objetivo do banco é promover um desenvolvimento que não seja alcançado a qualquer custo, mas sim

com a promoção de uma transição “gradual e permanente” para a economia de baixo carbono. “Todo o planejamento do BNDES tem como pilar a sustentabilidade, tanto no que se refere aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável quanto às Contribuições Nacionalmente Determinadas (NDCs)”, afirmou, lembrando que o Brasil foi o único país em desenvolvimento a apresentar metas absolutas de redução de emissões no Acordo de Paris.

O presidente da Associação Nacional das Indústrias Processadoras de Cacau, Eduardo Bastos, afirmou que há um espaço enorme para o Brasil crescer na agricultura de baixo carbono. Ele também lembrou do potencial do país na área de biocombustíveis. “É a parte mais visível da bioeconomia, mas também temos um potencial gigantesco com bioquímicos e outros bioprodutos”, comentou.

Para o consultor sênior do Programa de Florestas do World Resources Institute, Miguel Calmon, outra oportunidade para o país na economia sustentável é o restauro e a recuperação de áreas florestais, que deve ser encarado como investimento e não mais como custo, visão que vigorou até há pouco. Ele defendeu que o plantio de espécies nativas e agroflorestas são bons investimentos, pois proporcionam retorno ao país, e destacou que o BNDES tem sido uma grande liderança em restauração florestal. “É preciso termos fontes de financiamento para apoiar esse processo de forma compatível com o prazo de retorno desse negócio, que é o que o banco vem fazendo”, reconheceu.

DESAFIOS: EDUCAÇÃO E INFRAESTRUTURA

“Brincamos de falar em ‘infraestrutura 4.0’, mas o saneamento é a infraestrutura 1.0, que não está pronta ainda”. A frase da superintendente de Saneamento e Transporte do BNDES, Luciene Machado, demarcou o tamanho do desafio que o país precisa superar em um setor que impacta de forma preponderante a população. Ela elencou algumas das frentes de trabalho no banco em infraestrutura, como o estudo sobre saneamento em oito estados, o apoio à iluminação pública, a desestatização das distribuidoras de energia e o apoio à estruturação dos projetos de infraestrutura: “Essa fase inicial determina o sucesso ou fracasso das posteriores. O banco tem esse foco e queremos ser um dos atores a executar essa tarefa daqui para a frente”, afirmou.

Para Lucia Dellagnelo, do Centro de Inovação para a Educação Brasileira, a estruturação de bons

projetos também é um grande desafio para municípios e estados, em outro setor prioritário para o país, a educação. Ela lembrou que os grandes avanços na educação no mundo tiveram apoio dos bancos de desenvolvimento, nacionais e multilaterais. “Os países que conseguiram avanços em educação em curto espaço de tempo tiveram planos de uso de tecnologia para a educação. É necessário não só financiamento de longo prazo, mas projetos bem estruturados. O BNDES tem condição de dirigir essa mudança na educação brasileira”, disse.



“Os países que conseguiram avanços em educação em curto espaço de tempo tiveram planos de uso de tecnologia para a educação. É necessário não só financiamento de longo prazo, mas projetos bem estruturados. O BNDES tem condição de dirigir essa mudança na educação brasileira”

Lucia Dellagnelo, Centro de Inovação para a Educação Brasileira